

Deer

Relatório dos Acontecimentos Ccorridos na Noite de 12 para 13 de
Junho de 1970

Adm

Retornei de minha visita ao IPE em São Paulo ao final da manhã do dia 12 de junho. Como eu regressasse em companhia de meu colega da Universidade de Vanderbilt, Sr. Rudolph Blitz (o qual está sob curto contrato com a AID, como professor visitante durante o mês de junho), somente passei rapidamente pelos escritórios da Fundação Ford para deixar minhas malas e prossegui até o hotel onde Blitz está hospedado. Do hotel fui até o edifício onde resido, para apagar meu carro e depois retornei aos escritórios da Fundação Ford. Saí do escritório às 17 horas chegando a meu apartamento à Rua Francisco Otaviano 185, às 17:20 horas. Estacionei o carro em frente ao edifício, retirei minhas malas e subi pela escada dos fundos ao apartamento. Quando eu estava para abrir a porta, a porta abriu-se bruscamente e três homens portando armas puxaram-me para dentro do apartamento. Havia mais quatro homens armados dentro do apartamento e minha empregada, apavorada, encontrava-se sentada na sala de estar. A sala de estar estava num completo desalinho, com papéis e malas espalhados por todo o lugar, etc. Indaguei o que se passava e responderam-me para calar-me. Eles revistaram-me, tiraram minha carteira e meu dinheiro e, empurrando-me para um canto da sala, disseram-me que me sentasse. Depois disso, quatro homens sentaram-se em círculo ao meu redor, apontando as armas para mim. Todos vestiam camisas esporte e, a idade média deles era na faixa dos últimos vinte ou trinta e poucos anos. O homem que parecia ser o líder era um pouco mais velho, provavelmente com quarenta e poucos anos, e era chamado de Major pelos outros homens. Ele era um homem de estatura média, cabelos escuros e usava óculos de grau.

O Major era o único que me fazia perguntas. Perguntou meu nome, o que eu fazia no Brasil, há quanto tempo eu estava residindo no apartamento e se eu conhecia um homem chamado "Carlos", ao que respondi que não. Depois ele continuou a me fazer somente perguntas políticas: o que eu pensava sobre a guerra do Viet Nam, o que eu pensava da administração Kennedy, o que eu pensava sobre o movimento estudantil nos Estados Unidos, se eu acreditava que teria sido Oswald quem baleou Kennedy, se eu estava satisfeito com a administração Nixon. Depois ele me perguntou como eu falava português tão bem. Quando eu disse que vinha ao Brasil há já muitos anos, o Major disse que eu deveria ter estado no Brasil ao tempo de Goulart. Depois ele me perguntou qual o meu juízo de Goulart. Respondi que eu era um economista sem envolvimento político. Ocasionalmente haviam longos períodos de silêncio, durante os quais eles simplesmente me fixavam brincando com seus revólveres. Depois perguntaram-me quem era o amigo que morava comigo. Ele se referia a Riordan Roett o qual não se encontrava no apartamento à hora em que lá cheguei. Respondi que Roett era um professor de Vanderbilt, cuja especialidade era ciência política. Depois, perguntou-me a que horas Roett deveria retornar. Respondi que esperava-o a qualquer momento pois tínhamos um compromisso para jantar fora. Não mencionei que iríamos jantar com Blitz pois não queria envolver nosso colega também. Perguntou-me depois sobre a festa que eu iria dar

W3

na noite seguinte. (Presumo que a informação sobre a festa eles a obtiveram da empregada.) Respondi que os convidados incluíam o Ministro do Planejamento, pessoas da Fundação Ford, do IPEA e alguns outros amigos. O assunto foi deixado de lado. De quando em vez, o Major andava até o final do apartamento e confabulava com os outros homens. Quando perguntei ao homem que me vigiava o que estava se passando, a resposta foi que ninguém exceto o Major poderia falar comigo. Quando perguntei ao Major se eu poderia telefonar para a Embaixada ou para a Fundação Ford ou se ele poderia fazê-lo para mim, ele recusou. Ele constantemente se recusou a se identificar bem como ao resto do grupo e somente dizia que obedecia ordens "superiores". Ele continuou a fazer perguntas políticas, como é que eu encarava o seqüestro do Embaixador da Alemanha. Tentei ser tão sucinto quanto convencional em minhas respostas. As vezes as perguntas eram semi-cômicas. O Major indagou se eu achava Jaqueline Kennedy bonita. Perguntou-me também se eu achava que Jaqueline era mais bonita que Maria Tereza.

Decorridos 45 minutos Riordan chegou ao apartamento. Ele também foi revisado. Eles o empurraram para a sala de estar, para uma cadeira ao lado da minha. O Major gritando para nós, preveniu-nos que não falássemos em inglês e que somente nos comunicássemos em português, em voz alta. Perguntaram ao Riordan sobre Carlos e mostraram uma fotografia. Fomos informados mais tarde pela empregada que os homens apanharam a foto no apartamento. Chegou-se a conclusão que o tal Carlos em que eles estavam interessados era o filho do proprietário do apartamento. Quando dissemos que estavam residindo no apartamento há somente duas semanas e que tudo o que sabíamos sobre o filho do proprietário era que ele era um dentista e que presentemente ele estava em Ribeirão Preto com sua mãe, o Major imediatamente disse que ele também, agora, precisava ser preso. Olhando o livro de endereços de Riordan, o Major encontrou o nome de Carlos Pelaez e começou a nos indagar sobre ele. Dissemos que Pelaez era um Cubano-Norte Americano, que era um professor AID-Vanderbilt no Brasil e que ele estava para regressar para os Estados Unidos. O Major perguntou pelo endereço de Pelaez e depois nos disse para levantarmos e sairmos com eles. Outra vez pedimos para telefonar para a Embaixada ou para outras pessoas e novamente nos foi negado. O Major perguntou-me se eu possuía um carro e exigiu que eu lhe entregasse as chaves do mesmo. Um dos homens devolveu-me minha carteira e os Cr\$400,00 que eles tinham tomado de mim, chamando-me a atenção que estavam devolvendo tudo a mim.

Fomos para a rua e disseram-me que entrasse num Volkswagen vermelho. Riordan foi levado para uma Rural escura. Dois homens entraram no Volks comigo e três seguiram na Rural com Riordan. Dois outros homens levaram o Aero Willys da Fundação Ford. No carro em que fui, os homens portavam metralhadoras e no princípio uma estava constantemente apontada para mim. Um dos homens era alto (aproximadamente 1,85 mt), magro e loiro. O outro, que dirigia o carro, tinha quase 1,85 mt de altura e era de complexão robusta. Saimos e fomos em direção do apartamento de Carlos Pelaez. Entretanto, não fomos diretamente e sim dando voltas

pelos quarteirões próximos a Praça General Ozório. O motorista do carro em que eu me encontrava, às vezes parava nos bares daquela área e confraternizava com amigos seus. A um dos grupos ele disse que estava de serviço e por isso não poderia ir ao torneio de judô. Finalmente, por volta das 19:15 horas, estacionamos próximos do edifício onde mora Pelaez. Riordan foi soliditado a subir com alguns dos homens ao apartamento de Pelaez. Mais tarde Riordan disse-me que eles mandaram que ele tocasse a campainha. A Sra. Pelaez abriu a porta e deixou Riordan e seus "amigos" entrarem. Eles imediatamente mostraram as armas o que motivou a Sra. Pelaez a ficar terrivelmente nervosa. Carlos apareceu vestido com shorts. Disseram a ele que tinha um minuto para vestir-se ou seria levado de shorts mesmo. Deixo os detalhes desse episódio ao Carlos e Riordan quando da apresentação de seus relatórios.

Quando Carlos desceu foi levado para o carro da Fundação Ford. Riordan foi levado para a Rural e os três carros partiram, mas não ficando juntos. O Volkswagen em que eu estava foi pela Lagôa, Tunel Rebouças e passamos pelo Estádio do Maracanã. Após uns dez minutos que havíamos passado pelo Maracanã, um dos homens me disse que ele teria que vendear meus olhos, o que ele iniciou a fazer.

Incidentalmente, o motorista do Volks conversou comigo todo o tempo. Ele me contou sobre o judô e sobre o fato de que ele está tentando ir aos Estados Unidos em dezembro próximo, com uma bolsa da Embaixada, visando um treinamento especial em Washington.

Após ter os olhos vendados, dirigimos ainda por uns dez minutos e, por volta das 20:00 horas chegamos ao que parecia ser uma garagem. Fui conduzido, ainda com os olhos vendados, por algumas escadas e corredores e, finalmente, a um quarto aonde mandaram que me sentasse e retiraram as vendas dos meus olhos. Estávamos num escritório simples, o qual tinha janelas com as venezianas fechadas, duas escrivaninhas contra uma parede e uma contra outra parede, um arquivo de gavetas e duas cadeiras. Mandaram-me sentar em uma cadeira e um homem sentou-se na escrivaninha em frente a mim, apontando constantemente seu revólver para mim. Após 15 minutos Riordan foi trazido ainda vendado. Mandaram que se sentasse ao meu lado e que retirasse a venda de seus olhos. Ordenaram-nos que não falássemos um com o outro. Após uns cinco minutos Carlos foi trazido para o escritório, também vendado, mas ele foi imediatamente levado para fora. Alguns homens entraram e disseram a Riordan que fôsse para uma sala contígua. Um dos homens carregou a cadeira em que Riordan estava sentado, logo após a sua saída. Depois permaneci sentado por uma ou duas horas, olhando fixamente para o revólver do meu guardião. Este era um jovem ainda, não aparentando ter mais do que 19 ou 25 anos. Ele tinha por hábito brincar com o revólver e freqüentemente fazia mira para objetos próximos ou para mim. A um momento o Major veio conversar comigo e parecia alegre. Ele disse que não havia nada contra mim e que eu seria tratado como um cavalheiro desde que, durante o interrogatório em meu apartamento eu me comportara de "maneira bem educada". Ele me disse que seu in-

terêsse estava voltado para meus dois companheiros. Ele depois me fez perguntas sobre a vida nos Estados Unidos, especialmente sobre os salários dos trabalhadores norte-americanos e o custo de uma casa nova. Eu expliquei-lhe como o povo nos Estados Unidos financia a aquisição de suas casas. Ele depois deixou-me e outra hora se passou. Finalmente, um homem que até então eu não tinha visto, apareceu. Ele era tratado como se fôsse superior ao Major. Ele parecia estar na metade dos trinta anos, 1,80 mt de altura, cabelos castanhos escuros e usava óculos escuros. Fêz-me perguntas políticas: o que eu pensava do movimento estudantil nos Estados Unidos, o que eu pensava do sequestro, o que eu pensava dos intelectuais norte-americanos protestando contra o que estava acontecendo no Brasil. Minhas respostas foram também sucintas, convencionais e diretas às perguntas feitas. Por exemplo, eu disse que norte-americanos não devem interferir nos assuntos internos do Brasil e vice-versa. Após uns dez minutos ele saiu mas, eu podia ouvir através das paredes, que eles estavam fazendo um interrogatório muito mais pesado ao Riordan. Mais tarde Riordan disse-me que eles o ameaçaram com violências físicas caso ele não respondesse às perguntas satisfatoriamente.

Desnecessário seria dizer que não foi nada agradável ficar sentado num lugar que parecia esquecido por Deus, com revólveres apontados em minha direção, sem saber se os raptadores eram de extrema direita ou da esquerda, ou se estavam nas mãos de alguma organização policial. Por volta da meia-noite Carlos foi trazido para a sala em que me encontrava e sentou-se numa das duas escrivaninhas de encontro a parede. Dois guardiões mantiveram seus revólveres apontados para nós. Depois Riordan foi trazido para a sala e também ordenado que se sentasse na escrivaninha ao lado da de Carlos porém, Riordan foi retirado da sala diversas vezes.

A 1:30 da madrugada do dia 13, todos se tornaram amigáveis. Os guardiões guardaram seus revólveres e o Major tornou-se amigável. Ele nos "gozou" por termos ficado amedrontados. Solicitaram que escrevessemos num pedaço de papel nossos nomes, lugar e data de nascimento e afiliação profissional. Disseram-nos que buscássemos nossos pertences numa sala ao lado e fomos informados que seríamos levados de volta às nossas casas. Fomos vendados, levados através de corredores, descemos escadas e entramos no carro da Fundação Ford. O carro foi dirigido por dois homens que se sentaram no assento dianteiro, e mantiveram conosco uma palestra amigável. Após uns 20 ou 25 minutos, disseram-nos que retirássemos as vendas dos olhos e verificamos que estávamos na Avenida Presidente Vargas. Após uns oito ou nove quarteirões depois da Igreja da Candelária os homens pararam o carro, saltaram, apertaram nossas mãos, deram "tapinhas" em nossas costas, disseram que tudo por que passamos fôra necessário devido a ordens superiores e finalmente que podíamos ir embora. Partimos e eles ficaram na calçada, aparentemente aguardando outro carro.

MB

Como Carlos estava ansioso por vêr sua espôsa, levamos-o para sua casa. Depois Riordan e eu fomos para a casa de Stan Nicholson. Já passada das 2 horas da madrugada. Contei rapidamente ao Stan o que havia acontecido e depois telefonei para a Embaixada Americana. O fuzileiro naval da guarda atendeu o telefone e disse que o Oficial de Serviço não se encontrava lá. Quando eu o informei do que se tratava, o fuzileiro me disse que o Oficial de Serviço estava percorrendo as várias delegacias de polícia e de segurança procurando por nós. Deixei com o guarda o meu e o endereço de Nicholson. Depois Riordan e eu fomos para o nosso apartamento. Nicholson nos acompanhou porque queríamos que ele testemunhasse o estado de desordem em que se encontrava nosso apartamento. O apartamento estava uma "bagunça". Coisas haviam sido lançadas e espalhadas nos quartos, sala de estar e cozinha. A porta do terceiro quarto havia sido arrumbada e o quarto estava em desordem total. A proprietária do apartamento havia trancado a porta porque ela havia deixado nêle guardado alguns pertences pessoais. Stan, Riordan e eu decidimos que não tocaríamos em nada no apartamento até que um representante da Embaixada o tivesse visto no estado em que foi deixado. Decidimos que o Riordan dormiria num catre que não havia sido tocado e eu fui dormir no quarto de hóspedes na casa do Stan.

Por volta das 8:00 horas da manhã telefonei para a Embaixada e fui informado de que o Oficial de Serviço que estava cuidando do nosso caso era o Sr. Kohn. Chamei o Sr. Kohn e ele me disse que viria ao apartamento em seguida. Stan e eu para lá nos dirigimos. Nesse meio tempo, a amiga da proprietária que reside no 5º andar veio ao apartamento para verificar os estragos feitos. Quando o Sr. Kohn chegou, mostramos-lhe o estado em que se encontrava o apartamento e fizemos-lhe um relato do sucedido. Perguntamos ao Sr. Kohn se deveríamos chamar a polícia local para constatar dos estragos. Ele nos aconselhou que não o fizéssemos e que seria mais apropriado que fizéssemos uma reclamação através dos canais competentes da Embaixada. Como já tivéssemos testemunhas suficientes que viram o estado do apartamento, decidimos arrumá-lo. Kohn nos explicou que a Embaixada havia começado a nossa busca devido ter a Sra. Pelaez telefonado para a Embaixada logo após Carlos ter sido levado. Kohn disse que ele e outro membro da Embaixada haviam visitado as sedes dos serviços secretos do Primeiro Exército, DOPS, FAB, etc., mas que em todos os lugares foi negado que norte-americanos estivessem detidos. Kohn nos disse que na segunda-feira seriam avisados que outros passos seriam tomados.

Ao arrumarmos o apartamento descobrimos que muitas coisas haviam sido roubadas. Cr\$450,00 de Riordan haviam desaparecido. Além disso, sumiram uma máquina fotográfica, algumas joias, um relógio e algumas camisas de Riordan desapareceram. Mais tarde constatou-se que todas as joias da proprietária também haviam sido roubadas.

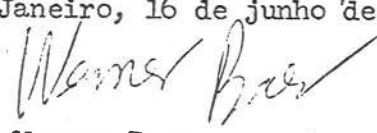
Domingo pela manhã o filho da proprietária telefonou para saber o que havia acontecido. Quando disse, ele ficou perplexo e informou-me que viria com sua mãe pela manhã. Eles chegaram às 11 horas. A pobre senhora quase teve um

19/2

abalo nervoso quando viu o terceiro quarto. O filho quase teve um colapso quando relatei a nossa história. Ele é um dentista e está para ser nomeado chefe da Escola de Odontologia da Universidade de Brasília. Ele disse que nunca esteve envolvido em algum assunto político e que agora estava com receio que o incidente viesse afetar sua carreira. Ele já havia chamado um advogado o qual já mantivera contato com várias agências policiais. As agências policiais asseguraram ao advogado que nada existe contra o rapaz. Seria muito improvável que o rapaz retornasse ao apartamento caso estivesse envolvido em alguma atividade subversiva.

Um dos meus amigos, que é alto funcionário do Governo Brasileiro, sugeriu-me que eu registre oficialmente uma queixa desse incidente, acompanhado por um alto funcionário da Embaixada, junto ao Serviço de Segurança Pública.

Rio de Janeiro, 16 de junho de 1970


Werner Baer